

Memórias Sonoras: Deslocamentos da Vida Cotidiana em Minas Gerais, Paraíba e Pernambuco

Sheila Borges de Oliveira

Minibio: Doutora em Sociologia, mestra em Comunicação e especialista em História Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduada em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e Publicidade e Propaganda (UFPE). Professora Adjunta do Núcleo de Design e Comunicação da UFPE. Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação Social da UFPE e do grupo de pesquisa Observatório da Vida Agreste. Integra o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor/UFOP). Pesquisa redes e tecnologias sociais, mídias sonoras, mídias digitais, educação popular, política e cultura participativa. É autora do livro *O repórter-amador: uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum* (2015) e uma das organizadoras dos livros *Projeto Conexões: os impactos das novas mídias na comunicação*, volumes 1 (2017) e 2 (2018). E-mail: sheila.boliveira@ufpe.br

Debora Cristina Lopez

Minibio: Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com estágio pós-doutoral na Universidad de Extremadura (Espanha). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bolsista Produtividade em Pesquisa Pq-2 (CNPq). Coordena o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor/UFOP) e o projeto de extensão interinstitucional Memória Sonora. Coordena o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom

Submetido: 14/10/2023

Aprovado: 01/11/2023

Resumo: Neste artigo, adotamos a metodologia da pesquisa-ação para discutir conceitos como memória e patrimônio sonoros. Analisamos práticas de um projeto de extensão, ensino e pesquisa que defende o som das cidades como protagonista da memória e da identidade local, apresentando experiências de quatro cidades: Caruaru, João Pessoa, Mariana e Ouro Preto, que compõem o projeto Memória Sonora com outras seis cidades brasileiras. Partimos da compreensão de que o som integra o patrimônio cultural e a identidade regional e que seu registro garante não só a perenidade deste bem imaterial, mas também seu enredamento com outras práticas de consumo características da sociedade contemporânea. Defendemos, portanto, a criação de um espaço com acesso público, em plataformas digitais, que registre os sons das cidades para permitir a compreensão da diversidade das memórias sonoras dos sujeitos, construídas, muitas vezes inconscientemente, em torno de seus múltiplos processos individuais e interações sociais.

Palavras-chave: memória sonora, identidade, patrimônio.

Memorias sonoras: desplazamientos de la vida diaria en Minas Gerais, Paraíba y Pernambuco

Resumen: En este artículo hemos adoptado la metodología de la investigación-acción para discutir los conceptos como memoria sonora y patrimonio. Analizamos las prácticas de un proyecto de extensión, enseñanza e investigación que defiende el sonido de las ciudades como protagonista de la memoria y la identidad locales, presentando experiencias de cuatro ciudades brasileñas: Caruaru, João Pessoa, Mariana y Ouro Preto, que integran el proyecto Memoria Sonora con otras seis ciudades brasileñas. Partimos del entendimiento de que el sonido forma parte del patrimonio cultural y de la identidad regional y que su registro garantiza no solo la permanencia de este bien inmaterial, sino también su imbricación con otras prácticas de consumo características de la sociedad contemporánea. Por lo tanto, abogamos por la creación de un espacio de acceso público, en plataformas digitales, que registre los sonidos de las ciudades para permitir la comprensión de la diversidad de las memorias sonoras de los sujetos, a menudo construidas inconscientemente en torno a sus múltiples procesos individuales e interacciones sociales.

Palabras clave: memoria sonora, identidad, patrimonio.

Sound memories: everyday life displacements in Minas Gerais, Paraíba and Pernambuco

Abstract: This action research discusses concepts such as sound memory and heritage. We analyze practices carried out within an extension, teaching and research project that defends the urban sounds as the protagonist of local memory and identity by presenting experiences in four cities: Caruaru, João Pessoa, Mariana and Ouro Preto, which make up the Sound Memory project alongside six other Brazilian cities. In understanding sound as part of cultural heritage and regional identity and that recording ensures both its perpetuity and interweaving with other consumer practices characteristic of contemporary society, we advocate the creation of a digital public access space that records the sounds of cities as a means to explore the diversity of sound memories, often unconsciously built around the subject's multiple individual processes and social interactions.

Keywords: sound memory, identity, heritage.

e preside o Conselho Diretor da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA). É autora de *Novo rádio, velhas narrativas* (2022) e *Radiojornalismo Hipermediático* (2010). E-mail: debora.lopez@ufop.edu.br

Norma Meireles

Minibio: Docente da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Jornalismo Audiovisual Expandido (JAE/UFPB) e do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor/UFOP). Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB). Integra o Conselho Diretor da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA). Foi Diretora Regional Nordeste da Intercom. Pesquisa rádio, radialismo, radiojornalismo, educação superior, meio ambiente e gênero. E-mail: norma.meireles@academico.ufpb.br

O som compõe parte da identidade local. A música, como explica Lidskog (2016), tem potencial para manter e transformar identidades culturais e locais em contextos variados. O pertencimento e as marcas de formação de uma sociedade representam-se nos sons e nas experiências acústicas do cotidiano. Monclar Valverde (2010) fala em experiências no mundo da vida e experiências de vida, que se referem, respectivamente, às práticas e aos processos vividos e às interações dos atores e sujeitos com o ambiente. Neste sentido, Alves e Lopez (2021) indicam que as paisagens sonoras permitem o reconhecimento de deslocamentos da experiência, explorando os movimentos demarcados no tempo da narrativa, o que ocorre a partir dos níveis psicológicos e das emoções das experiências vividas pelos atores sociais.

Essa movimentação, lembram os atores, é corporificada nas dinâmicas de escuta cotidiana, possibilitando a construção de condições existenciais na narrativa, conduzidas por múltiplas realidades, oriundas destas experiências. “Considerando que corpo é esse lugar das afetações, é necessário romper com a imagem clássica do corpo como partes individuais; abstrair a perspectiva que trata os nossos sentidos como experiências isoladas” (Alves & Lopez, 2021, p. 9).

A experiência, como sabemos, se constrói contextualmente na relação entre os atores e as estruturas, uma vez que o social está no indivíduo e o indivíduo influencia o social. Ela aciona processos, memórias, diálogos entre movimentos de ser no mundo e de vir a ser que se representam no som. Para as identidades locais, a memória musical serve como uma forma de narrativa cultural, ajudando-as a formarem um sentido de identidade coletiva em torno de experiências e tradições compartilhadas.

A música e os sons de determinada localidade se tornam parte da “memória coletiva” (Halbwachs & Lasén Díaz, 1995) da comunidade, criando um senso de pertencimento e continuidade histórica. É por isso que a música local, as canções folclóricas e outras formas de expressão sonora são tão importantes para a preservação das identidades culturais e locais. A música e os sons servem como um elo tangível com o passado, ajudando as comunidades a se manterem conectadas com suas raízes culturais e a passarem essas tradições para as gerações futuras.

Mas não podemos compreender essa construção de identidade e memória como um traço exclusivamente vinculado à música ou às canções. Os registros sonoros, como nos lembra Meneguello (2017), não podem ser desassociados da formação de uma sociedade. Somos como soamos. E experienciamos escutas do cotidiano – tenhamos consciência desta escuta ou não. Os sons definem cenários e movimentos da experiência, formam ambientes (Schafer, 2011) que permitem (re)significar eventos e histórias.

Os estudos radiofônicos, como lembra Mozahir Salomão Bruck (2011), são o espaço da exploração do potencial sonoro. A complexidade do objeto sonoro, na sua materialidade digital e na sua multidimensionalidade (Lopez & Chagas, 2021), propiciam a exploração coletiva de identidades sonoras e a construção de espaços digitais de preservação da memória sonora. Este artigo deriva de um projeto que pretende reconhecer o caráter patrimonialístico dos sons da cidade e o seu lugar na construção e preservação de uma memória e de uma identidade cultural local manifestada acusticamente. De caráter interinstitucional, o projeto *Memória Sonora*¹ recorta fragmentos sonoros do mundo para recompor digitalmente um tecido imaterial que preserve esse potencial memorialístico. Para isso, consideramos que cada paisagem sonora, seja de uma cidade barulhenta ou de uma floresta tranquila, influencia nossa percepção e conexão com o espaço (Butler & Sarlöv-Herlin, 2019), assim como a urbanização e o desenvolvimento industrial podem alterar drasticamente essas paisagens sonoras, afetando, dessa forma, a identidade local (Tan et al., 2022).

Neste artigo, trazemos as experiências de quatro cidades: Caruaru (PE), João Pessoa (PB), Mariana (MG) e Ouro Preto (MG). Elas são vinculadas a um projeto interinstitucional que mobiliza oito universidades públicas (federais e estaduais) e privadas atuantes em dez cidades: Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), em Mariana e Ouro Preto; Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João

¹ O projeto *Memória Sonora* é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) (Código de Financiamento 001) e tem apoio do Programa de Bolsas de Extensão (Probex/UFPB) (Código de financiamento PJ754-2023) e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic/UFPE/CNPq).

² Participam do projeto, na equipe docente: Debora Cristina Lopez (Ufop), Bruno Leal (UFSJ), Helen Britto Fontes (UFF), Júlia Lúcia Albano (Fecap), Karen Kraemer Abreu (UFMS), Mirian Redin de Quadros (UFMS), Norma Meireles (UFPB), Roscéli Kochhann (Unemat) e Sheila Borges de Oliveira (UFPE). Nas três universidades apresentadas neste artigo, atuam os estudantes: Alice Gomes de França Silva (UFPE), Catarina Vernillo Pimenta (Ufop), Eduardo Severino da Silva (UFPE), Lívia Gariglio (Ufop), Nathália Paes (Ufop), Stefany Rayane Oliveira Santos (UFPE), Amanda Dos Santos Salviano Da Silva (Bolsista Probex UFPB), Ana Beatriz Soares Martins (UFPB), Azoka Jose Maciel Gouveia Filho (UFPB), Beatriz de Sousa Barbosa (UFPB), Beatriz Monte Fontenele Zacarias (UFPB), Bianca de Deus Rozalio (UFPB), Esther Larissa Barbosa de Queiroz Narciso (UFPB), Gisele Martins de Medeiros (UFPB), Guilherme dos Santos Costa (UFPB), Igor Emilio Silva de Lima (UFPB), Ivyson Sotero Silva (UFPB), Isadora Vieira Cavalcanti (UFPB), Lucas de Lima Santos (UFPB), Kaue Pereira Barbosa (UFPB), Leticia Cristina Bezerra de Oliveira (UFPB), Luciana dos Santos Mello Dias (UFPB), Marcelo Picado Schulze (UFPB), Marcio Antonio de Macedo Barrelli (UFPB), Melissa Neves de Araujo (UFPB), Pedro Henrique Marques Fernandes (UFPB), Yan Andrade da Fonseca (UFPB), Zuila Barbosa de Jesus (UFPB).

Pessoa; Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Caruaru; Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói; Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (Fecap), em São Paulo; Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), em São João Del Rei; Universidade do Estado do Mato Grosso (Unemat), em Tangará da Serra e Rondonópolis; e Universidade Federal de Santa Maria (UFMS), em Frederico Westphalen².

Para elaborar este projeto de investigação, colocando-o em prática concomitantemente nos diversos campi, construímos nossa abordagem metodológica a partir de uma pesquisa-ação, que busca discutir e compreender, por meio da avaliação das ações realizadas, o lugar do som na construção da identidade e das práticas comunicacionais nas cidades analisadas. Partimos da compreensão de que o som integra o patrimônio cultural e a identidade regional e que seu registro garante não só a perenidade deste bem imaterial, mas também seu enredamento com outras práticas de consumo características da sociedade contemporânea. Defendemos, portanto, a criação de um espaço com acesso público, em plataformas digitais, que registre os sons das cidades para permitir a compreensão da diversidade das memórias sonoras dos sujeitos, construídas, muitas vezes inconscientemente, em torno de seus múltiplos processos individuais e interações sociais.

O Percurso da Pesquisa-Ação

Esta investigação, que tem o objetivo de registrar a memória sonora de cidades em sete estados brasileiros, é um estudo qualitativo que adota a pesquisa-ação como metodologia, sendo aplicada por causa de sua finalidade descritiva e de seu nível. Ela busca propiciar reflexões acerca de processos e práticas de ensino, pesquisa e extensão no âmbito do projeto *Memória Sonora* a partir do diálogo da ação geradora do referido projeto com duas outras propostas replicadoras, que estão em estágios diferentes. Dessa forma, este trabalho sistematiza (e problematiza) experiências conduzidas por três professoras de instituições públicas de ensino superior distintas: Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal de Ouro Preto. Elas coordenam as atividades em quatro cidades, duas na Região Sudeste (Mariana e Ouro Preto, em Minas Gerais) e outras duas na Região Nordeste (Caruaru, em Pernambuco, e João Pessoa, na Paraíba).

Para Holliday (1996, p. 67), “o papel de fundo da sistematização, que na realidade é o problema de fundo para o conhecimento e a transformação da realidade, centra-se na vinculação entre a prática e a teoria”. Nesse sentido, a perspectiva reflexiva da investigação, no que concerne a práticas educacionais em sala de aula, no campo de pesquisa e/ou atividade extensionista pelas próprias docentes envolvidas, nos aproxima da pesquisa-ação participante, o que nas palavras de Stake (2011, pp. 175-176) “é o estudo da ação, quase sempre com a intenção de conseguir aprimorá-la, mas é especial por ser realizada pelas pessoas diretamente responsáveis pela ação . . . É uma autoavaliação”.

Embora todas as pesquisas envolvam aspectos quantitativos e qualitativos simultaneamente, uma vez que, como argumenta Stake (2011, p. 23), “todo pensamento científico é uma mescla dos pensamentos qualitativos e quantitativos”, o enfoque qualitativo se destaca nas pesquisas, assim como nas práticas de ensino e de extensão no campo das ciências sociais. É aplicada porque envolve a relação entre conhecimento e ação (Gil, 2008) e descritiva porque descreve “características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (Gil, 2008, p. 28). Neste trabalho, podemos considerar como variáveis as Instituições de Ensino Superior, a localização geográfica e a esfera de atuação na educação (ensino, pesquisa, extensão).

A metodologia da pesquisa-ação busca, a partir da identificação de um problema, aprofundar teorias por meio da observação de elementos de uma prática. Esse método é acionado, comumente, para se investigar fatores que tensionam o funcionamento do campo educacional. Isso porque, para Tripp (2005), é uma forma de se aprimorar as práticas pedagógicas por meio da interação entre docentes e discentes nas atividades educacionais do dia a dia. É esse duplo movimento que explica a essência do método, quando se analisa um quadro observado ao

mesmo tempo que se realiza o diagnóstico do problema estudado, objetivando, segundo Severino (2015), o aperfeiçoamento de práticas sociais.

Engel (2000) expõe as etapas desse processo metodológico, que une o aprofundamento do conhecimento teórico à prática cotidiana:

A primeira etapa é a identificação do problema, seguida do planejamento de uma solução, sua implementação e logo após o monitoramento das ações. Por último, deve-se avaliar a eficiência da solução proposta. Tais etapas são bastante genéricas e podem se referir a uma infinidade de processos. (Engel, 2000, p. 182)

A pesquisa-ação busca, assim, compreender o fenômeno social estudado para intervir de forma intencional na situação, a fim de modificar e resolver o problema observado. Nesse sentido, Tripp (2005) identifica os elementos que considera essenciais para diferenciar a pesquisa-ação de outros métodos: “pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática” (p. 447).

Em nosso caso, a pesquisa-ação começa quando se reconhece a falta de um banco sonoro para registrar a memória sonora de manifestações culturais das cidades estudadas. Só após esse diagnóstico é possível planejar e implementar mudanças para melhorar uma prática por meio, por exemplo, do registro de paisagens sonoras. Dentro da complexidade desse duplo movimento, Tripp reconhece as limitações do método: “A pesquisa-ação ao mesmo tempo altera o que está sendo pesquisado e é limitada pelo contexto e pela ética da prática” (2005, p. 447). Stake (2011, p. 184) lembra que a parcialidade é inerente a toda pesquisa, cabendo aos pesquisadores reconhecê-la e controlá-la, ao mesmo tempo que precisamos “ajudar o leitor a enxergar as parcialidades com as quais estamos tentando lidar”. Por outro lado, para O’Brien (2003, p. 198), apesar dos riscos apresentados, em especial pelos receios de mudança, “o aprendizado será muito importante”, seja ele qual for.

Memórias Sonoras em Ouro Preto e Mariana: Identidades Plurais

As identidades plurais caracterizam os sons de Ouro Preto e Mariana, cidades históricas ancoradas em movimentos culturais diversos, mas que podem, como indicam Bechler e Pereira (2015), ser silenciados pelo processo de patrimonialização do barroco mineiro e de uma conseqüente visão unitária da história e da memória dos municípios. Como lembram as autoras, a mineiridade se integra à memória social, impregnando-se no cotidiano e manifestando-se “na culinária, na música, nos falares, nos jeitos, no humor, nas artes cênicas e visuais” (2015, p. 74). Dessa forma, as particularidades regionais – que se expandem para além do marco colonial – entrelaçam história e identidade na consolidação de uma multiplicidade de experiências nos espaços da região dos Inconfidentes. Em Ouro Preto e Mariana, portanto, “a admissão contemporânea de que a história não se efetiva sob narrativa única ou de que há memórias e histórias distorcidas, silenciadas ou negadas” (Bechler & Pereira, 2015, p. 74) revela a multiplicidade identitária que observamos nos sons do cotidiano.

Almeida et al. (2013) defendem que a espacialidade e, especialmente, a percepção do espaço-tempo demarcam expressões simbólicas culturais, dialogando com a compreensão plural de memória. Nesse sentido, a memória se comporia não de um traço predominante, como o marco colonial, mas do seu diálogo com as apropriações sociais, com os usos dos espaços, com o relevo, com a arquitetura e com as dinâmicas das cidades. Especificamente em Ouro Preto e Mariana, afetações como o trânsito temporal dos movimentos culturais, as fases da mineração e da conseqüente ocupação das cidades, as dinâmicas turísticas que incluem rotas gastronômicas, culturais e ecológicas, a religiosidade e a vida universitária e republicana (Souza, 2013) contribuem para a confirmação de um traçado identitário específico e múltiplo.

Observamos essa diversidade a partir do próprio conceito de patrimonialização. Para Paes (2009), trata-se de um recurso para a conservação de símbolos culturais

que devem considerar escalas do tempo e do espaço em formas de expressão locais ou globais, configurando uma “abordagem interpretativa que comporte várias dimensões” (2009, p. 1). Dessa forma, como explica a autora, o patrimônio permite compreender e articular dimensões aparentemente opostas, como material e imaterial, o sujeito e o objeto, ou o passado e o presente. Essa possibilidade de atribuir concretude a um universo simbólico nos move na abordagem do som como memória cultural. Ao olhar para os sons da cidade, a partir de múltiplos pontos de vista, buscamos construir gradativamente mosaicos sonoros que permitam representar e, em alguma medida, ressignificar experiências de memória e temporalidade.

A experiência de produção do projeto *Memória Sonora*, ancorado nessas perspectivas, partiu de pontos de vista múltiplos sobre a cidade. Inicialmente organizado pela docente coordenadora do projeto na disciplina Linguagem Sonora, ofertada no primeiro semestre de 2023 no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, apresentava-se como um desafio o estabelecimento de uma unidade de ação que permitisse compreender de que Ouro Preto ou Mariana falávamos. As primeiras reuniões e debates com os estudantes revelaram a multiplicidade que caracteriza a região. As experiências e o viver a cidade mostraram-se múltiplos e os sons não percebidos em um levantamento inicial, realizado pela docente, eclodiram das espacialidades percebidas pelos estudantes.

Nesse processo, destacam-se: 1. os movimentos no tempo, com os sons voltados para a convivência entre passado e presente nas cidades; 2. os tensionamentos entre sagrado e profano, com as manifestações de religiosidade e as festas populares, como o Carnaval, que coabitam espaços; 3. a vida universitária, que muitas vezes se impõe à cultura regional e às tradições locais; 4. a identidade construída para o turista, em espaços pelos quais pouco circulam marianenses e ouropretanos, mas que são pensadas para o visitante e para a sua experiência temporária e transitória nas cidades; 5. as cidades “fora da cidade”, nos distritos, com manifestações próprias que se impõem culturalmente e com cenários sonoros próprios, rurais, bucólicos; e 6. a mineração, ao mesmo tempo progresso e retrocesso em suas relações com as comunidades regionais, na afetação das relações econômicas e sociais e em suas representações sonoras dentro e fora das minas.

O processo de captação dos registros sonoros de Ouro Preto e Mariana revelou a diversidade dos espaços. O Carnaval, como manifestação integrada à cultura universitária e às práticas sociais locais, que contemplam e acolhem identidades múltiplas (Rezende, Alves, & Villaschi, 2018), configurou-se como um ponto de contato entre as cidades – seja na representação das experiências vividas, com a construção de percursos sonoros pela festa, seja no registro da interface da festa profana, com manifestações musicais características da cultura local, como o bloco do Zé Pereira (em Ouro Preto e Mariana) e o candonguêro.

A sociabilidade característica da vida universitária e da cultura republicana, apresentadas por Souza (2013), desvelam-se nos sons da cidade. Seja por meio do registro da cerimônia de escolha de moradores de uma república ou dos locais de socialização, como os bares ou os institutos da universidade, os distintos tempos e territórios da experiência e da vida universitária assumem seu espaço no mosaico identitário de Ouro Preto e Mariana, compondo o que o autor define como “um jogo da sociabilidade e das práticas socioculturais que produzem algumas ‘fraturas’ dos códigos sociais, da memória, do concebido” (Souza, 2013, p. 362). Os sons – já captados e a captar – representam o que Souza (2013, pp. 165-366) explica como uma cultura própria dos moradores das repúblicas, composta por ritos, apropriações espaciais (de espaços privados e públicos, como as ruas das cidades), mediações digitais e sociabilidades digitais e seus ritos, linguagens e iconografias que definem interações próprias entre repúblicas, cultura do consumo e boemia.

Ouro Preto e Mariana têm marcada em sua identidade cultural a religiosidade associada à tradição e à sua trajetória histórica (Pinheiro, 2006). Os sons do cotidiano, seja em diálogo com o eixo das cidades, do turismo ou do tensionamento entre sagrado e profano, ambientam as cidades. Eventos como a Semana Santa

(Gomes, 2008), as sineratas (Montanheiro, 2008) ou as celebrações transpassam identidades e memórias locais, desvelando valores e práticas compartilhados.

A experiência de representar a cidade a partir de suas manifestações sonoras, com o propósito de preservar a memória e reconstruir uma teia de relações possíveis, olhado a partir do conceito de patrimônio, ressalta a multiplicidade cultural de uma região marcada na história brasileira por uma identidade patrimonial predominante (Bechler & Pereira, 2015). A experiência permite, então, compreender como os sons revelam experiências, relações espaço-temporais e de vivência em um mundo. Estas construções sonoras, unidas e perenes, podem evidenciar também movimentos no tempo, evoluções identitárias e entrelaçamentos de memórias culturais locais.

As Memórias Sonoras em João Pessoa: a Cidade e o Mar

O diálogo da Universidade Federal da Paraíba com o projeto *Memória Sonora* se iniciou em março de 2023, após conversas que uma das autoras teve com sua tutora, que estava desenvolvendo o projeto em disciplina da graduação na Ufop, durante atividades de estágio em pesquisa em Mariana (MG). A docente da UFPB fez diversas captações naquela cidade. Inicialmente, a partir de sons da natureza nas caminhadas feitas para conhecer o cotidiano de Mariana. Em seguida, explorou as sonoridades características da Semana Santa, uma vez que lá o turismo religioso é forte, e registrou outros eventos culturais. A experiência despertou a vontade de replicar o projeto na instituição de origem, fato que se concretizou.

As inquietações acerca das identidades sonoras de João Pessoa já estavam presentes para a professora antes mesmo que discentes se integrassem às atividades e às produções. Dois dias após o retorno da pesquisadora à capital paraibana, a primeira captação, especificamente para o *Memória Sonora*, foi realizada de modo experimental. No dia primeiro de junho, em evento artístico no Espaço Cultural José Lins do Rego, ocorreu o show comemorativo dos 40 anos dos Titãs, e a captação foi feita com a perspectiva acústica da plateia na sua relação com a história e a arquitetura do lugar.

O projeto ganha musculatura com a participação de discentes nas atividades de ensino durante a disciplina Oficina de Áudio I, do curso de Radialismo, e de extensão, com o projeto *Memória Sonora – João Pessoa*, aprovado no Edital Probox 2023-2024. Na disciplina, o conceito norteador da prática foi o de paisagem sonora (Schafer, 2001) e discussões acerca de rádio arte (Costa, Ribeiro, & Araujo, 2013). Enquanto isso, os extensionistas iniciaram suas reflexões teóricas a partir da compreensão de paisagem sonora urbana como patrimônio, tendo Meneguello (2017) como suporte. É importante destacar que, para ambos os grupos, teoria e prática sempre estiveram lado a lado. Aliás, atividades de fruição sonora e experimentações sensoriais, associadas a exercícios de imaginação, vieram antes das leituras e das idas a campo para capturas de paisagens e percursos sonoros, sonoridades características da cidade.

Mas, afinal, o que caracteriza a capital paraibana quando pensamos em memória sonora? O que lhe confere identidade(s) sonora(s)? Essas questões motivaram a equipe de extensão, que percebeu a necessidade de trabalhar a partir de quatro eixos: urbano, ambiental, cultural e afetivo. A princípio, estabelecemos como urbano os sons típicos do cotidiano da cidade; como ambiental, os sons da natureza, inclusive as modificações de sonoridades específicas a partir da intervenção humana; como cultural, as atividades artísticas permanentes e/ou efêmeras; e como afetivo, as memórias de infância e adolescência dos sujeitos produtores do banco de sons em questão. Nenhum dos eixos é excludente, mas foram adotados para efeito prático no exercício de mapeamento inicial das memórias sonoras de João Pessoa.

Tanto na extensão quanto no ensino, todos tiveram liberdade para escolher seus objetos sonoros a serem registrados com memórias, arquivos de um presente/futuro. Como primeiros resultados, a equipe de ensino produziu um conjunto de 18 capturas, e a de extensão 13 registros sonoros. Todos foram realizados com os celulares dos envolvidos. Enquanto a primeira equipe encerra a participação no projeto, a segunda permanecerá em atividade até abril de 2024. Mais do que

números iniciais, nos interessa observar a materialidade da ação fruto da pesquisa pelas sonoridades e as experiências de ouvir compartilhadas.

As representações do cotidiano de João Pessoa tiveram destaque entre o primeiro grupo. Parte da equipe elegeu a própria UFPB para acionar suas memórias sonoras. Já a outra parte registrou trajetos sonoros capturados enquanto se deslocava pela cidade ou mesmo durante uma caminhada em feira agroecológica, dialogando com a perspectiva observada em Mariana e Ouro Preto, que indica que as experiências sonoras e a própria compreensão do que identifica acusticamente um local nasce tanto na memória coletiva quanto na individual. Em uma perspectiva de audição em movimento, quem cria o registro passa pelos sons que estão disponíveis no seu entorno. A maioria gravou a partir de um ponto fixo. Nesses casos, primeiro e segundo planos auditivos materializam-se na relação com o gravador; enquadram-se aqui capturas realizadas em praias e locais como supermercados, varandas de apartamentos e paradas de ônibus. Só uma pessoa se pautou pela cultura na sua escolha. É interessante destacar que sons da fauna urbana se fazem presentes em muitos registros, assim como diálogos e burburinhos, e, é claro, o ir e vir das ondas do mar.

Como parte dos processos de pesquisa-ação, foram realizadas em sala de aula a escuta e análise das produções com os seguintes procedimentos: 1. a exibição das capturas para todo grupo; 2. os discentes e as discentes, exceto quem elaborou a paisagem sonora, foram incentivados a falar sobre suas impressões acerca do registro em questão, inclusive com detalhes estéticos e técnicos; e 3. a docente avaliava aspectos técnicos e estéticos dos registros, buscando relacioná-los com paisagem sonora e identidade local. Dessa forma, na disciplina Oficina de Áudio I, houve avaliação por pares, a da docente e a autoavaliação.

As Memórias Sonoras em Caruaru: as Festas Juninas

Como criar um banco sonoro para registrar a pluralidade cultural do São João de Caruaru? Essa pergunta norteia, desde abril de 2023, a investigação realizada por pesquisadores do Centro Acadêmico do Agreste (CAA), campus da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em Caruaru, cidade polo da Região Agreste daquele estado, que objetiva preservar a memória de uma das mais tradicionais festas de rua do Nordeste do Brasil. Essa festa popular, da forma como identificamos hoje, ocorre em Caruaru desde os anos 1970. O município é, inclusive, conhecido nacionalmente como a Capital do Forró.

Em 2023, com a decretação do fim da pandemia da covid-19 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), os festejos juninos, suspensos em junho de 2020 para evitar aglomerações e, conseqüentemente, a disseminação do novo coronavírus, foram retomados presencialmente e voltaram a ser realizados em seu espaço convencional: a rua. DaMatta (1984) define rua como esse espaço em que se materializam tais festividades, estipulando uma cisão entre o significado dos ambientes da casa e da rua que, cada qual em sua simbologia para a vida social, direcionam posturas e comportamentos.

Há uma divisão clara entre dois espaços sociais fundamentais que dividem a vida social brasileira: o mundo da casa e o mundo da rua – onde estão, teoricamente, o trabalho, o movimento, a surpresa e a tentação. É claro que a rua serve também como o espaço típico do lazer. Mas ela, como um conceito inclusivo e básico da vida social – como “rua” –, é o lugar do movimento, em contraste com a calma e a tranquilidade da casa, o lar e a morada. (DaMatta, 1984, p. 15)

A rua é, portanto, palco da agitação que surpreende positivamente e negativamente. Essas relações sociais em momentos sazonais, geralmente ligados a datas ou períodos que simbolizam determinadas memórias de acontecimentos históricos ou religiosos, culminam em celebrações festivas que congregam vários aspectos da cultura do povo que ali convive, como aponta a pesquisa realizada por Ferraz (2022). Em nosso caso, o foco do trabalho é a captação de sons e a realização de entrevistas durante as festas juninas de Caruaru. Para a elaboração da pesquisa, o trabalho de campo está dividido em duas etapas.

Na primeira, ocorrida em junho de 2023, um estudante percorreu os polos urbanos e rurais criados pela Prefeitura de Caruaru para as festas juninas daquele ano. Com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic/UFPE/CNPq), começou a catalogar, com o gravador do próprio celular, os registros sonoros das manifestações tradicionais desse período, distribuídas em expressões culinárias, ornamentais, musicais e teatrais. A segunda etapa da coleta ocorrerá nos polos que serão criados para o ciclo em junho de 2024, para dar continuidade à catalogação sonora da festa popular.

Todos os elementos, junto com as adivinhações, elemento místico, típico do catolicismo popular da região, configuram a festa com uma dimensão lúdica enorme e de afirmação da identidade cultural nordestina, disponibilizando mais opções de entretenimento para a população local e impulsionando a realização de viagens e o estabelecimento da atividade turística na localidade, gerando impactos e o estabelecimento de variadas relações sociais, que acabam provocando mudanças na natureza da festa e na própria dinâmica das relações socioeconômicas e culturais das comunidades nas quais se realizam estas festas. (Marques, 2009, p. 2)

Os festejos do ciclo junino de Caruaru têm repercussão cultural não somente na esfera regional, mas também a nível nacional e até mesmo internacional. Surgidos como festa rural, segundo Ferraz (2022), eles foram ocupando os espaços urbanos que passaram em sua imagética a remontar a essa tradição oriunda da roça.

Uma série de fatores contribuiu para a dimensão que os festejos tomaram em Caruaru. Dentre eles, Silva (2010) destaca três aspectos. O primeiro deles é a música, que aludia à cidade em composições rítmicas que se legitimaram como tradicionais do período junino, tais como o xote, forró e baião, entoados, dentre outros, pela voz do cantor pernambucano de projeção nacional, Luiz Gonzaga. O segundo aspecto é a ampla cobertura dos eventos juninos feita pela mídia local e nacional. O terceiro aspecto é o tradicional concurso de quadrilhas e ornamentações das ruas, tendo se destacado a festa organizada pelas irmãs Liras desde os anos 1970, que se transformou no berço do atual modelo dessas festividades em Caruaru.

Os elementos dessa tradicionalidade, como os santos juninos, as fogueiras, os balões, as comidas, as danças, as bandeiras e, sobretudo, as músicas, podem ser preservados por meio da captação dos sons característicos dessa época do ano, feita a partir de uma metodologia específica para a elaboração de um banco sonoro, que será disponibilizado publicamente pelo projeto *Memória Sonora*. A investigação da etapa de Caruaru, em parte aqui descrita, também integra a pesquisa do “Inventário do rádio no Agreste: memória, atualidade e perspectivas”, que realiza desde 2018 uma cartografia das rádios comerciais, educativas e comunitárias ativas nos 71 municípios daquela região de Pernambuco.

A captação de paisagens sonoras e a memória sonora desempenham um papel significativo na preservação e compreensão dessas tradições culturais. Schafer (2001) considera como paisagem sonora “qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos. O termo pode se referir a ambientes reais ou a construções abstratas como a composição musical” (Schafer, 2001, p. 366). Já Pollak (1989) afirma que o conceito de memória coletiva define o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros grupos sociais. Além disso, essa memória fundamentará e reforçará os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais entre as sociedades.

Nesse sentido, esse projeto, que visa registrar a memória de um grupo social por meio da captação de som, ou, mais especificamente, de paisagens sonoras de uma manifestação cultural, como o São João de Caruaru, contribuirá para a memória da identidade local dos moradores da cidade com a elaboração de um banco de som que representa a produção de sentido dos festejos juninos para as pessoas que vivenciam a festa popular no Agreste pernambucano.

No contexto específico do São João de Caruaru, um dos maiores e mais tradicionais do Brasil, esse banco sonoro adquire uma importância ainda maior, pois,

“além de documentar os sons da localidade, tem papel importante em salvaguardar o ‘ambiente’ (ruídos, por exemplo, de fábrica, trem) e ‘atmosfera’ que sugere tonalidade psicológica, por exemplo, de mistério, alegria, tristeza, etc.)” (Balsebre, 2005, p. 333). Nessa festividade, podemos perceber elementos que emergem de crenças, costumes e hábitos de povos antepassados perpetuados por gerações até serem alçados às tradições de um local. Sendo assim, neste estudo, pretendemos preservar e compreender a riqueza cultural desse evento tão emblemático para os nordestinos.

Apesar de toda a efervescência e popularidade da festa, existe uma escassez de pesquisas científicas voltadas para a captação e preservação das paisagens sonoras desse evento, bem como para a memória sonora associada a ele que possa contribuir para a preservação das tradições culturais. A captação das paisagens sonoras do São João de Caruaru, portanto, mostra-se fundamental para a preservação da cultura e das tradições locais. Essas paisagens sonoras são compostas por uma diversidade de elementos, como músicas típicas, cantorias populares, batuques, fogos de artifício e os sons característicos das quadrilhas juninas, que, segundo Kaplún (2017)², assumem funções descritivas, expressivas, narrativas e ornamentais na definição de um espaço e, conseqüentemente, na construção de uma memória atrelada ao som captado.

³ A obra de Kaplún, traduzida para o português somente em 2017, foi originalmente publicada em 1978.

Nesse sentido, ao registrar e analisar essas paisagens sonoras, podemos atingir os seguintes objetivos: 1. tornar possível a compreensão da dinâmica do evento ao longo do tempo; 2. identificar influências musicais; 3. detectar mudanças nas práticas culturais; e, acima de tudo, 4. preservar a autenticidade dessa manifestação cultural do Agreste de Pernambuco. A memória sonora, por sua vez, desempenha um papel fundamental na transmissão e expansão de conhecimento e identidade cultural da tradicional festa de rua. Ao realizar a investigação e, assim, documentar a memória sonora do São João de Caruaru, será possível, para além de preservar e transmitir o conhecimento de gerações passadas e atuais, proporcionar a criação de um banco sonoro para que possamos comparar com mudanças futuras desta festividade.

Dessa forma, esta investigação contribuirá para a valorização e perpetuação dessa tradição, proporcionando a continuação de estudos neste campo de pesquisa. Nesse sentido, Pollak (1989, p. 10) defende: “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas, também, as oposições irreduzíveis”. Além disso, compreender como a memória dessa manifestação é vivenciada e perpetuada pelas pessoas que participam do São João de Caruaru nos permite entender os significados e as emoções que estão intrinsecamente ligados a essa festividade.

Considerações Finais

A reflexão sobre o termo “memória” é fundamental para conseguir construir um acervo memorial do sonoro que contribua para a preservação histórica de determinada cultura ou manifestação. Isso porque, de acordo com Pollak (1989), a memória sonora reforça o sentimento de pertencimento:

a memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. (Pollak, 1989, p. 10)

Neste sentido, na pesquisa em questão haverá um recorte de tempo e espaço para realizar tal construção de forma delimitada e específica, com o objetivo de justificar e respeitar a importância da memória que se busca preservar, o que exigirá um trabalho que chamamos de enquadramento de memória. Mas há limites para enquadrar a memória de um grupo, visto que essa ação não pode ser realizada de forma arbitrária. Para Pollak (1989), esse trabalho deve satisfazer a certas exigências de justificação, como a que apresentamos neste artigo.

Dentro dessa perspectiva teórica, temos que ressaltar também as considerações de Gondar (2008). A memória comporta diversos sentidos, conforme a disciplina ou o pensador que dela se ocupe. Esta polissemia aparece também em noções correlatas, fazendo com que as concepções de memória individual e memória coletiva apresentem variações em diferentes saberes (Gondar, 2008).

Por isso, é importante entender como a memória individual das pessoas envolvidas nas experiências vivenciadas nos cotidianos das cidades aqui estudadas é construída e se comporta mediante a exposição das sonoridades que surgem nas manifestações sazonais ou diárias e são revisitadas no imaginário individual e coletivo, a partir da imersão que esta pesquisa proporcionará, por um lado, aos entrevistados, que participarem das fases de campo, e, por outro, aos próprios pesquisadores, na elaboração do estudo, que resultará na produção de um banco sonoro por meio da metodologia da pesquisa-ação.

Haye (2004) diz que o estímulo acústico é capaz de possibilitar uma multisensorialidade devido à capacidade criadora da própria experiência social. Ele permite que o princípio de visibilidade se desdobre ao “mostrar” sujeitos, objetos, situações e cenários à imaginação do ouvinte e, em nosso caso, também aos pesquisadores que vivenciam todos os aspectos multissensoriais da investigação em si. Assim, utilizar a mídia sonora como forma de ativar essa multisensorialidade aos que forem expostos às paisagens sonoras e às entrevistas, captadas por meio do banco sonoro que está sendo formatado, permitirá a ativação das memórias ligadas aos eventos passados e presentes das festividades e dos cotidianos das cidades de Mariana, Ouro Preto, João Pessoa e Caruaru.

Por conta disso, a realização desta pesquisa, que está em andamento e em diferentes fases nas instituições de ensino parceiras, confere grande importância para a preservação da cultura e do patrimônio local, uma vez que os processos, as interações e as memórias reforçam essa característica identitária de um grupo social enquanto coletividade por estar situado como aproximado geográfica, histórica e ideologicamente, e que, portanto, passa a refletir nessas ocasiões cotidianas e festivas os hábitos culturais impregnados em uma convivência intragrupal.

Não se trata somente de um inventário ou de um banco de sons, mas de como esta materialidade comunicacional permite desvelar identidades, compartilhar memórias e experiências, e conhecer, registrar, recordar e ressignificar acontecimentos. Trata-se também de reconhecer o lugar do som como patrimônio cultural imaterial, como protagonista de movimentos culturais e como demarcador de territórios e deslocamentos espaço-temporais.

Nas práticas do projeto, reavaliadas constantemente, podemos observar aproximações entre realidades distintas, como das quatro cidades apresentadas neste artigo, sejam elas materiais, logísticas ou formativas. Por um lado, a própria compreensão de memória sonora da qual partimos se altera e se complexifica a partir tanto das leituras quanto das definições realizadas coletivamente nas equipes locais, que indicam espaços, experiências e representações acústicas não previstas inicialmente. Por outro, a naturalização do som – e dos dispositivos de captação utilizados na pesquisa – no cotidiano dos estudantes de graduação possibilita a construção de um ponto de vista acústico, afetado por quem capta, por como esse sujeito compreende o lugar social do som, pelo que percebe como som merecedor de atenção e registro e pelos potenciais de captação sonora e imagética⁴ dos fenômenos memoriais.

Também é importante o potencial formativo dos estudantes, que passam a ter uma relação mais próxima com as representações sonoras dos acontecimentos, a escutar a cidade e perceber seus deslocamentos e a explorar a composição de paisagens sonoras em suas produções comunicacionais. No projeto, desenvolvemos movimentos de imersão em eventos, buscando conhecer os sons das cidades para compreender o que as representa acusticamente, de desafios das captações de sons diversos, como os da natureza, das festas, das cerimônias e das paisagens sonoras, que definem os movimentos do mundo permitindo visualizar enredamentos complexos do tecido cultural representados em sons. Esses enredamentos são

⁴Todos os sons registrados estão disponíveis, acompanhados de uma breve descrição e uma fotografia ambiental, no site do projeto, disponível no link <https://www.conjor.com.br/memoria-sonora>.

cruciais para a atuação do comunicador, do jornalista e do radialista que falam aos sujeitos e, mais importante, escutam a cidade. São também, como explica Paes (2009), estratégias para interpretar o mundo desde que reconhecidos como patrimônio, como articulações entre passado e presente, entre objeto e sujeito, entre memórias e acontecimentos.

Referências

- Almeida, S. A., Corrêa C. B., Carneiro, R. T., Lara, P., & Pidhorodecki, G. (2013). Olhares Sobre Ouro Preto/MG: espaço e ocupação ao longo de 300 anos. *Anais Semana de Geografia*, 1(1), 40-44.
- Alves, J., & Lopez, D. C. (2021). *Experiência, emoções e narrativa sonora no podcast Medo e Delírio em Brasília* [Apresentação de trabalho]. 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Brasília, DF, Brasil. <https://tinyurl.com/y9cp8td8>
- Balsebre, A. (2005). A linguagem radiofônica. In E. Meditsch (Org.), *Teorias do rádio* (Vol. 1, pp. 327-336). Insular.
- Bechler, R. R., & Pereira, J. S. (2015). Ouro Preto de todos os tempos: sentidos e efeitos do patrimônio na condição histórica da cidade. *Revista História Hoje*, 3(6), 67-90. <https://doi.org/10.20949/rhhj.v3i6.157>
- Bruck, M. S. (2011). Um novo estatuto para a escuta radiofônica. *Logos*, 18(2), 18-30. <https://doi.org/10.12957/logos.2011.2284>
- Butler, A., & Sarlöv-Herlin, I. (2019). Changing landscape identity—practice, plurality, and power. *Landscape Research*, 44(3), 271-277.
- Costa, M. J. S. R., Ribeiro, A. G., & Araujo, P. A. (2013). As artes no rádio e a RadioArte no Brasil. *Polêm!ca*, 12 (4), 651-668.
- DaMatta, R. (1984). *O que faz o Brasil, Brasil?* (Vol. 1). Rocco.
- Engel, G. I. (2000). Pesquisa-Ação. *Educar*, (16), 181-191. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.214>
- Ferraz, C. V. A. A. (2022). *Agreste na rua em tempos de pandemia: a cultura popular do Nordeste nas ondas do rádio* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Pernambuco]. Repositório institucional da UFPE. <https://tinyurl.com/4av8ks7w>
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Atlas SA.
- Gomes, M. E. (2008). A Semana Santa em Mariana, MG: estudo da relação entre patrimônio imaterial e turismo. *Revista Urutágua*, (15), 166-177. <https://tinyurl.com/ma3tfzeb>
- Gondar, J. (2008). Memória individual, memória coletiva, memória social. *Revista Morpheus*, 7(13). <https://tinyurl.com/tv7rxrxw>
- Halbwachs, M., & Lasén Díaz, A. (1995). Memoria colectiva y memoria histórica. *Reis*, (69), 209-219. <https://doi.org/10.2307/40183784>
- Haye, R. (2004). *El arte radiofónico: algunas pistas sobre la constitución de su expresividad*. LaCrujia.
- Holliday, O. J. (1996). *Para sistematizar experiências*. Editora Universitária UFPB.
- Kaplún, M. (2017). *Produção de programas de rádio: do roteiro à direção*. Insular.

- Lidskog, R. (2016). The role of music in ethnic identity formation in diaspora: a research review. *International Social Science Journal*, 66(219-220), 23-38. <https://doi.org/10.1111/issj.12091>
- Lopez, D. C., & Chagas, L. (2022). A multidimensionalidade do objeto radiofônico: caminhos para compreender o debate. *Esferas*, 1(23), I-XIII. <https://tinyurl.com/24stj94v>
- Marques, P. C. L. (2009). Que festa é essa? analisando as festas juninas de Caruaru e Campina Grande das revistas de turismo [Apresentação de trabalho]. 6º Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. São Paulo, São Paulo, Brasil. <https://tinyurl.com/3abef7rf>
- Meneguello, C. (2017). Das ruas para os museus: a paisagem sonora como memória, registro e criação. *MÉTIS: História & Cultura*, 16(32), 22-42. <http://dx.doi.org/10.18226/22362762.v16.n.32.01>
- Montanheiro, F. C. (2008). Quem toca o sino não acompanha a procissão: toques de sino e ambiente festivo em Ouro Preto. *Revista Brasileira de História das Religiões*, 1, 1-10. <https://tinyurl.com/43es4ued>
- O'Brien, R. (2003). Uma análise da abordagem metodológica da pesquisa-ação. In R. J. Richardson (Org.), *Pesquisa-ação: princípios e métodos* (Vol. 1, pp. 193-219). Editora Universitária UFPB.
- Paes, M. T. D. (2009). Patrimônio cultural, turismo e identidades territoriais: um olhar geográfico. In R. Bartholo, D. G. Sansolo, & I. Bursztyn (Orgs.), *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras* (pp. 162-176). Letra e Imagem.
- Pinheiro, F. A. D. (2006). *Confrades do Rosário: sociabilidade e identidade étnica em Mariana – Minas Gerais (1745-1820)* [Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense]. Repositório institucional da UFF. <https://tinyurl.com/5dn8zm6b>
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15. <https://tinyurl.com/3ykyatym>
- Rezende, Y. A. E., Alves, K. S., & Villaschi, J. N. S. (2018). Corpos dissidentes na rua: Territorialidade e identidades acionadas no carnaval de Ouro Preto (MG). *Revista Periódicus*, 1(8), 213-237. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i8.23884>
- Schafer, R. M. (2001). A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Unesp.
- Severino, A. J. (2015). *Metodologia do trabalho científico*. Cortez.
- Silva, J. D. d. (2010). *“Festas Bôas” de Caruaru-PE: Da Conceição à Capital do Forró (1950-1985)* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco]. Repositório institucional da UFPE. https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7874/1/arquivo833_1.pdf
- Souza, E. C. M. (2013). Cidade monumento, cidade universitária: usos do patrimônio histórico e sociabilidade juvenil em Ouro Preto/MG. *Século XXI*, 8(3), 912-947. <https://doi.org/10.5902/2236672537528>
- Stake, R. E (2011). *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Penso.
- Tan, J. K. A., Hasegawa, Y., Lau S. K., & Tang, S. K. (2022). The effects of visual landscape and traffic type on soundscape perception in high-rise residential estates of an urban city. *Applied Acoustics*, 189. <https://doi.org/10.1016/j.apacoust.2021.108580>

Tripp, D. (2005) Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, 31(3), 443-466. <https://tinyurl.com/4x2suszm>

Valverde, M. (2010). Comunicação e experiência estética. In B. S. Leal, C. Guimarães, & C. Mendonça (Orgs.), *Entre o sensível e o comunicacional* (pp. 57-71). Autêntica.